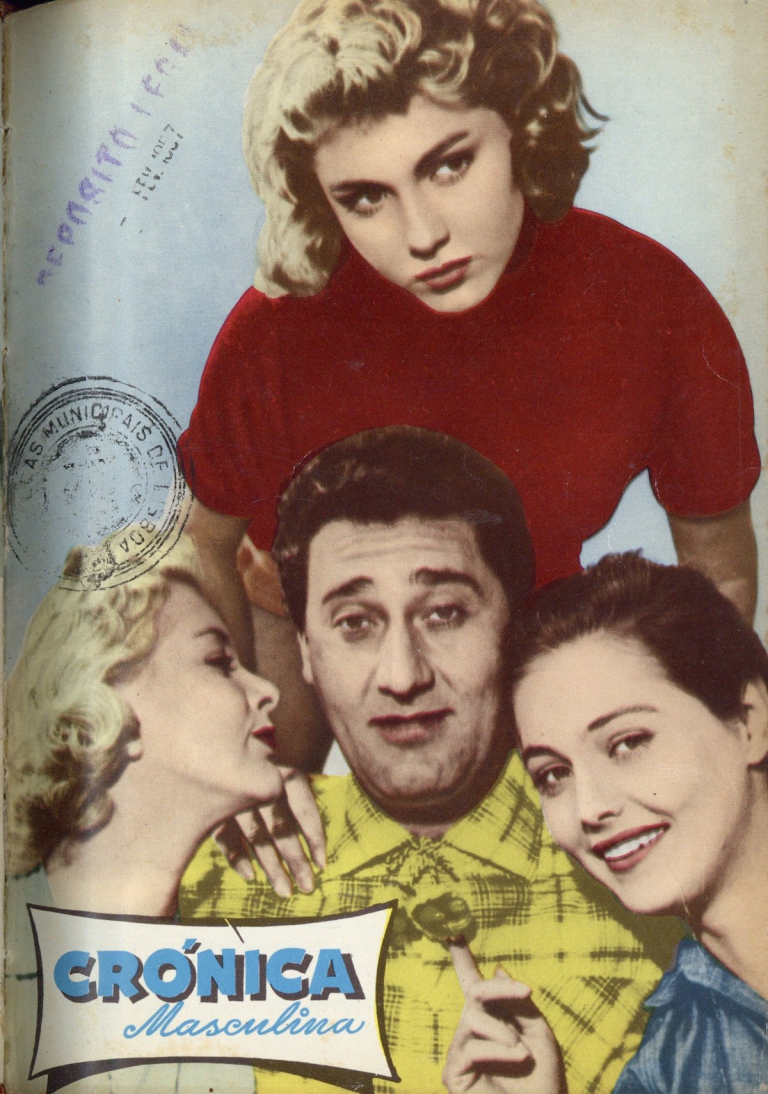


REPOSITO / 1950  
FEB. 1957



**CRÓNICA**  
*Masculina*

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

# CRÓNICA Masculina

N.º 7 — 19-I-1957

Director e Editor: RUI COSTA  
Redacção e Administração: Rua Saraiva  
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39  
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR  
& DIAS, LDA. — (Composto e impresso  
nas oficinas da E. N. P. (Anuário  
Comercial de Portugal)

Todos os sábados

DE HOMEM PARA HOMEM

## O VÍCIO DA INDISCRICÃO

A gente de hoje padece — padecemos — de uma enfermidade cada vez mais difundida: o mal da indiscrição.

É o vício da nossa época; desenvolve-se na vida privada, em sociedade, na literatura, na Imprensa e no cinema. Na vida privada é inapreensível, mas se vem à rua infiltra-se por toda a parte com uma indetidade anónima a que chamamos rumor. Na vida pública, na Imprensa, no cinematógrafo e na literatura é apreensível: coloca-se directamente sob a luz da candela, ufana-se dos seus segredos, promete a revelação de casos inauditos.

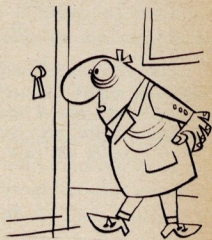
A indiscrição é, como vício, o êxito da venda de todos os produtos que acenam aos olhos humanos, ávidos do invulgar, do bombástico, do sensacional. Porque...

Que outra coisa seria capaz de os incitar mais que o escondido, o não revelado, o não exibido em parte alguma, a verdade oculta que os génios do formalismo conseguiram despojar do seu véu e trazer a público.

A enfermidade da indiscrição manifesta-se nos títulos, nas fotos e até na maneira de alinhar os assuntos. As biografias, por exemplo não se anunciam já com uma epígrafe sensata e objectiva: têm de prometer indiscrições estrepitosas, surgem-nos, a cada passo, notadas desta guisa: «Não calo nada!» «Confesso tudo!» «Acuso!»

Nós, felizmente, guardamo-nos desse mal. No primeiro número fomos parcimoniosos a prometer: graça inofensiva e curiosidade susceptível de ser revelada. O público agradeu-se do género, deferiu-nos inteira preferência. E nós com a modéstia que nos assinala não temos sequer necessidade de rebuscar os deslizos dos outros para fabricar, corrilhos, estabelecer polémicas, ou dessa ou doutra forma paramentar de talentosos e marinhar numa tentativa desesperada para elevar a tiragem.

Prescindimos desses processos; voltamos as costas à indiscrição e aos seus prosélitos, e nenhum outro propósito perseguimos que não seja o de, reverenciando os princípios morais que estruturam a vida da Nação, continuar a desfrutar do lisonjeiro favor que o público nos tem dispensado desde a primeira hora.





# 6 HISTÓRIAS de casados

— Este ano, as minhas prendas de Natal não terão um aspecto tão luxuoso, diz o Sebastião à mulher. Para quê possas estar sossegada quanto ao futuro, fiz ontem um seguro de vida de 700 contos e paguei já todos os prémios.

— És muito previdente! — exclama a esposa.

— Então agora já não é necessário que vás ao médico, quando não te sintas bem.

\* \* \*

Conversa entre amigos:

— A minha mulher atirou-me com a chávena de chá. A você que é casado há mais tempo, aconteceu-lhe, alguma vez, isso?

— Nós, lá em casa, só tomamos café.

\* \* \*

Eram 5 horas da manhã quando o marido entrou em casa.

Furiosa, a esposa perguntou-lhe:

— Onde tens estado?

— Perguntas-me sempre onde estaria eu se me não tivesse casado... Pois bem, querida, é de lá que eu venho!

\* \* \*

A esposa entra no escritório do marido, exibindo um estupendo chapéu novo.

— Querido — apressa-se a explicar, notando o seu desgosto —, julgarás, por certo, que cometi uma loucura, mas a verdade é que não me custou nada. Este chapéu marcava dois contos. Consegui que mo dessem por um conto, isto é, poupei mil escudos. Pois foi com esses mil escudos que eu o comprei...

\* \* \*

Senhora Edviges:  
— Diga-me, filha: Já discutiu alguma vez com o seu marido?

Senhora Gertrudes:  
— Nunca! Ele é que discute muitas vezes comigo. É odioso!

\* \* \*

Uma viúva que se tinha casado com um viúvo,



respondeu a uma amiga que lhe perguntou que tal se dava com o consorte:  
— Muito bem. Não tenho razões de queixa.

— Folgo! — disse a outra. — Queria-me parecer que ele havia de te falar muitas vezes da sua primeira esposa...

— Sim, a princípio, costumava fazê-lo, mas acabei com isso.

— Como?

— Falando-lhe do meu próximo marido...



## SABIA ISTO ?

...que o cifrão (\$) remonta aos tempos de Tiro, onde era usado como marcas de certa moeda? As duas linhas representavam as colunas de Hércules, insignias da colónia espanhola de Gades (hoje, Cadiz), onde a moeda primeiro circulou.

## O incorrigível EDUARDO

O título não é nosso. Pertence ao próprio povo inglês que depôs a sua tradicional fleuma para criticar severamente os capítulos do romance do Duque de Kent com Sara Tuffnell, modelo de fotografos. O caso suscitou a mais viva agitação na austera corte inglesa e em todos os círculos da vida londrina, mas nem os murmúrios benévulos nem os comentários incurrentes dos súbditos da velha Albion levaram o duque a abdicar dos seus propósitos matrimoniais, que começaram a produzir as primeiras e desagradáveis repercussões: o marido de Sara pediu o divórcio e retirou-se com uma filha-nha do casal que conta 18 meses para uma pequena cidade da província.

...que muito antes da Europa, a China conheceu a pólvora? É um facto. Simplesmente, os chineses ignoravam as suas propriedades e empregavam-na apenas no fabrico de fogos de artifício.

...que o raio ao cair sobre a Terra, traça uma recta vertical e nunca uma linha quebrada ou zigue-zagueante, como se costuma pintar?

...que não há moscas no inverno porque um micróbio penetra no seu corpo e, lentamente, as devora até lhes deixar só a pele? O referido micróbio desenvolve-se apenas no inverno.

...que o filósofo grego Aristóteles cometeu um erro ao assinalar o número de patas das moscas? Julgou que eram quatro e enganou-se — pois são seis. São muitos séculos depois se descobriu a verdade.



# Que é o Yoga?

CONTRARIAMENTE a uma impressão muito generalizada, o yoga não é uma religião nem uma filosofia. É apenas uma ginástica cujos exercícios foram resumidos, há vinte e quatro séculos, em duzentos aforismos pelo sábio hindu Patangali. Não persegue o bem estar físico pelo desenvolvimento dos músculos, como a ginástica sueca, mas o domínio do corpo.

Depois de dez anos de exercícios diários, o yogui chega a controlar a respiração, o sistema neurovegetativo e os latidos do coração. Transpira ou tiritia de frio, conforme a sua vontade. Também se faz enterar vivo como os faquires europeus, mas no seu caso não existe algum truque.

Eis, segundo o doutor Herbert Morrison, como se procede: mergulha-se num estado de hipnose, olhando fixamente a ponta do nariz ou umbigo, depois de ter obstruído a garganta, dobrando a língua para trás. No momento em que a língua está



completamente dobrada, comprime as carótidas, artérias que regam o cérebro. O seu coração pulsa, muito espaçadamente e a sua respiração torna-se de tal modo imperceptível que se lhe colarem um espelho diante da boca este não se embacia com o alento.

Nessa altura, intervêm os discípulos. Com cera quente tapam-lhe todos os orifícios do corpo e untam-lho de azeite. Fimda esta operação, colocam o yogui dentro de ataúde, onde permanece três ou quatro dias. Ao ser exumado, tudo se passa de modo diverso: afastam-lhe as mandíbulas, põem-lhe a língua no sítio e estende-lhe e friccionam-lhe os braços, durante várias horas.

Nos dias que se seguem à ressurreição, o yogui permanece em estado semi-letárgico. É incapaz de realizar o menor esforço físico ou intelectual.

Só ao sexto dia, poderá caminhar, comer e falar.

Todas estas «acobracias» fisiológicas se destinam a alcançar o famoso nirvana, o nada absoluto.

A prática desse desporto, trazida há vários séculos para a Europa encontra-se muito difundida e inclusivamente na América conta numerosos cultores.

## ACREDITE QUE É VERDADE...

### A RAINHA E O DESPORTO

Londres — A liga britânica dos adversários dos desportos crueis, no curso de uma reunião extraordinária, votou uma moção que condena a Rainha Isabel II, por ter «fomentado a crueldades», fazendo participar o príncipe Carlos numa caça de perseguição.

A soberana inglesa é igualmente acusada de ter usado nessa ocasião «indumentária impópria para uma rainha». Levava sapatos de sport excessivamente grandes.

### CRIADO DA ESPOSA POR AMOR I

Haya — «A única forma de viver com minha esposa é tornar-me oficialmente seu criado» — proclama o sr. Matimba.

Patrick Matimba é negro. A esposa uma holandesa, Adlana Van Horne, é branca. Casaram-se na Inglaterra. Têm uma filhinha, Selina. Para o casal a vida seria um paraíso se os dois cônjuges não se tivessem esquecido de uma coisa:

Nos países da África do Sul, o de Patrick, as leis de separação proibem os brancos de habitar na zona reservada aos negros, e os africanos de residir no «distrito branco» a menos que sejam domésticos dos incolos.

Para o sr. Matimba poder partilhar da casa da esposa, Adlana terá de declarar às autoridades que ele (o marido) e seu criado particular, seu motorista ou seu cozinheiro,



## GINÁSTICA MATINAL INVOLUNTÁRIA...

...executada pela formosa «manicure» Françoise, que procura as pantufas. A culpa é do horário de trabalho no salão de cabeleireiro do Palace Hotel, onde Françoise, a dorminhoca, tem de assinar o ponto. O novo filme colorido «Paris Palace Hotel» conta o que lhe acontece antes, durante e depois do seu trabalho diário. O papel de Françoise é desempenhado por Françoise Arnoult que o público português conhece e admira, mas que não seria capaz de reconhecer nesta insólita atitude.

## MAIS UM ANO que passou!

Eis a última visão do astro-Rei no finado 1956. O Sol de Dezembro caminha para o ocaso. A prodigiosa bola de fogo, ampliada pela teleobjectiva, de forma a poderem ver-se as manchas solares, mergulhará em breve nos espaços. Os campos de gelo de Feldberg brilham uma vez mais. Os dados técnicos desta foto excepcional são os seguintes: objectiva, 64 cm; abertura do diafragma 11; tempo de exposição, 1/500 do segundo; filtro laranja... O espectador sentimental ficará porém mais impressionado com a majestade e beleza desta despedida. A estrela fecundante que dá calor e luz à Terra mostra-se num último adeus a 1956 para renascer com a aurora de 1957.

Esta excepcional fotografia foi conseguida no Felberg, na Floresta Negra (Alemanha).







## Entre a preguiça e o instinto

Ignoramos o epílogo: o pássaro teria pago com a vida o seu excesso de confiança ou o gato «Pussi» errou o salto? Os felinos a par do encanto da indumentária com que a Natureza os doou e a sua reconhecida utilidade ao lado do homem (na destruição de importunos mamíferos roedores) mostramos, por vezes, aspectos antipáticos como o que se revela nesta imagem em que, digamos, o instinto se sobrepõe à... preguiça. A avezinha inocente que faz a alegria da vida campesina tornou-se a objectivo (se não a presa) das garras gulosas do felino, transformado, na conjuntura, em animal feroz. Mas, repetimos, não sabemos qual o desfecho desta cena de intenções selvagens. Sabemos apenas que a publicação do instantâneo fotográfico valeu ao seu autor, um agricultor norte-americano chamado Palmer Pederson, que a publicou numa revista, um prémio de 50 dólares, ou seja a bagatela de 1.500 escudos feita a conversação ao câmbio oficial.



## O ESTIVADOR desconhecido

«O estivador desconhecido» é o nome dado ao monumento cuja maqueta se exhibe numa galeria de arte no Cairo, e que será erigido sobre um molhe, à entrada do Canal de Suez, em Port Said, precisamente no local onde se levantava a estátua de Ferdinand Lassepe, há pouco destruída.

Como se vê da gravura, o referido monumento representa um trabalhador egípcio que procura varrer do céu do seu país os paraquedistas inimigos e a sua traça reflecte a onda de xenofobia que neste momento submerge a pátria dos Faraós.



## NO FIM DO ANO MANDA A TRADIÇÃO...

O fotógrafo atardou-se em trazer à redacção estes dois flagrantes, colhidos numa rua da pitoresca Alfama, o bairro vetusto, onde, no dizer do dr. Mário Madeira, pulsa o coração da velha Lisboa. Mas a falta de diligências do nosso colaborador parece-nos sobejamente com-



pensada pela valia do documento. A tradição de, quando os ponteiros do relógio assinalam o novo ano, lançar à rua os «ferros velhos» ainda não morreu de todo para a boa gente alfacinha, ufana dos seus costumes. E o costume manda celebrar alegremente o fim do mundo, queremos dizer: a noite de S. Silvestre que, segundo a profecia, assinalava o fim da vida no planeta que habitamos. É o que cumpre, de sorriso nos lábios, mas em atitude decidida, esta formosa lisboeta ante a complacência de três amigos que se prestam muito gostosamente para alvos dos seus instintos de «destruição».

Bem vão as coisas quando o sexo fraco escolhe alvos previamente conformados. Acontece muitas vezes serem os «raids» feitos de surpresa, com manifesta superioridade de armas atacantes e com «baixas» que se traduzem em altos... galos no campo inimigo.



# FIQUE-SE COM ESTA!



**A**UDITORES electrónicos, ocultos no vestuário, podem captar uma conversa produzida a 400 metros de distância. Um aparelho secretamente instalado num automóvel pode transmitir mensagens a outro automóvel que marche à distância de 500 metros. Oculto numa porta o mesmo aparelho difunde em idênticas condições a conversa dos seus ocupantes. A venda destes aparelhos segundo um fabricante de S. Francisco, devia ser rigorosamente controlada.

★

**Ajudar os fracos é caridade; procurar ajudar os fortes é orgulho.**

★

Os médicos da clínica de obstetria de Saint-John, Chelmsford (Inglaterra) passaram a operar ao som de música. O fundo sonoro acalma os pacientes com anestesia local, pois evita que se sobressaltem, ao ouvir o ruído produzido pelo bisturi e deste modo facilita o trabalho do cirurgião.

**A ignorância do bem e do mal é o que mais perturba a vida humana — Oiceron.**

★

Num bloco de casas de um bairro de Lille onde se refugiara um norte-americano perseguido pela polícia, os agentes descobriram numa cova dois enfermos: um homem de 59 anos e uma mulher de 53, os quais tinham sido sequestrados pela mãe, havia 42 anos. Jaziam numas canastras de verga, incapazes de articular a menor palavra.

★

**Interrogado por que falsificava sempre os cheques do Continental National Bank, de Fort Worth, James Delbert, considerado pelo F. B. I. um dos principais falsificadores dos Estados Unidos, explicou: «São os cheques mais bonitos que tenho visto na minha vida».**

★

Há duas liberdades: a falsa, em que cada um é livre de fazer o que lhe apraz, e a verdadeira, em que é livre de fazer o que deve — *Kingsley*.

★

**O maior dom da Natureza é a força da razão que nos coloca acima das nossas paixões e fraquezas e faz com que controlemos as nossas próprias faculdades e virtudes — Chamfort.**

★

Nada há que faça pensar tanto uma mulher no que tem de fazer em casa, como ver o marido a descansar.



## FESTAS DOS RAMOS EM AVEIRO

Das mais características festas que se realizam em Aveiro, porventura únicas no mundo, são as **entregas** dos ramos, meio cristãs, meio pagãs, parêntesis de ruído e cor no calendário local.

Na cidade dos canais, da devoção e do ritmo, entra o ano e sai o ano com música, foguetes, alacridade...

É que esta gente faz gala na mordomia; mas não ascende à dignidade de irmão, ou ao mando na irmandade (seja do **Santíssimo**, do **Senhor de Bendito** ou do **Senhor Jesus**), sem solene investidura. A posse do novijo ou o **cargo** do mordomo são conferidos com a **entrega** do ramo aos pés do altar, escolhido em qualquer capela ou igreja pela devoção do empossado ou do eleito.

E de manhã, depois da missa de festa, lá vão os mordomos velhos pelas ruas, em duas filas, com sua opa vermelha, de **nobreza**, fato a rigor, luvas brancas, para **entregar** aos novos **parceiros** o ramo, artisticamente composto de flores artificiais,

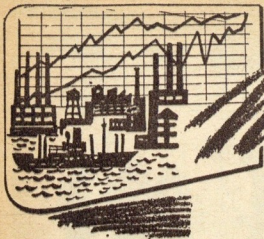
com o símbolo no tópo, a dourado, da confraria — lá vão eles, muito ufanos, ao som alegre da marcha em binário, a modinha em voga da revista que nesse ano foi aos palcos.

À boca da noite, os que **entregaram** juntam-se no adro da paróquia agora, envolvidos em gabões de burel, faixa garrida na cinta, barrete colorido de lã, foguetes a tiracolo. E dali partem, à frente da música, à luz dos archotes e no meio de uma multidão ruidosa, para dar as **boas-festas** aos novos **parceiros**. Onde o ajuntamento se detém, logo se aprestam pares e rompe a dança. Os foguetes sobem ao ar, às dúzias, ecoando as **respostas** ensurdecedoramente. Se o empossado é generoso, abre a porta: há dentro de casa arroz doce, figos passados, nozes, espetadas de mexilhão em escabeche e vinho a jorros.

E, noite alta, ainda reina na cidade o barulho da festança.

DAVID CRISTO





# Normas Para triunfar em negócios

Por WILLIAM FEATHER (I)

**C**ORRESPONDENDO ao interesse de dois «leitores assíduos» (por sinal de localidades, entre si muito afastadas), iniciamos, hoje, a publicação de curiosos apontamentos sobre a técnica de negócios, publicada pelo conhecido especialista americano William Feather

Alguns conceitos e máximas são apresentados pelo autor de uma forma que reveste pitoresco sabor anedótico, mas nem por isso se dependem de magnífica doutrina, proveitosa para quantos porfiarem nos difíceis munus do comércio, ou da indústria.

Os mais gratos prazeres que tenho desfrutado provêm do meu trabalho.

Muitas têm sido as tarefas penosas e aborrecidas que tenho desempenhado cujos resultados imediatos foram desalentadores. Mas os esforços semeados germinaram em frutos bons que me compensaram de todos os sacrifícios cometidos.

Não sei como deva ajudar os meus leitores a encontrar a felicidade, mas sugiro-lhes que procurem executar os seus trabalhos em curso.

Recomendo-lhes dentro do possível que se esforcem por alcançar a perfeição, consciosa e persistentemente.

As pessoas infelizes e feias que conheço (pois a gente infeliz é sempre feia), trabalham com indolência. Muitas descumram as obrigações imediatas e suspiram por algo que se lhes pareça mais satisfatório.

Tenho observado representantes de todas as profissões e de todas as categorias e não me lembro de ter visto, alguma vez, um trabalhador consciente que fosse inteiramente infeliz.

\*  
Que difícil se torna para alguns homens encontrar um trabalho que mais lhes «agrada»! E que difícil se afigura a alguns padrões encontrar empregados capazes!

\*  
Devo a Thomas Dreier o seguinte relato: Camilo Flamaron, o famoso astrónomo, recebeu, um dia, uma carta extensíssima notada em verso. O seu autor era desconhecido. Flamaron leu umas quantas linhas e, vendo que não continha senão lisonjas, lançou a carta fora.

Tempo depois, chegou-lhe às mãos outra missiva que começava assim: «querido mestre». Desta vez os elogios vinham em prosa, mas a carta era tão longa que Flamaron não perdeu tempo a lê-la.

Uma terceira principiava por estas palavras: «Meu caro senhor». Era também demasiado difusa e recolheu, como as demais ao cesto dos papeis.

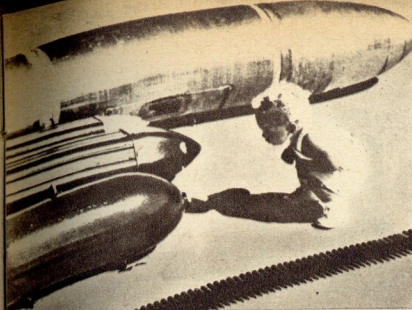
Por fim, recebeu um bilhete cujo teor era o seguinte: «Senhor. V. Ex.ª é muito descortês. São já três vezes que eu, seu admirador, lhe ofereço, de presente, a residência ajardinada que possuo em Jucisy, e, o senhor, nem sequer me responde. Peço-lhe que me telegrafe, em seguida a dizer sim ou não».

Aquelas linhas eram bastante curtas para ler na íntegra, e Flamaron, finalmente inteirado do que o correspondente lhe queria, telegrafou acedendo.

Pois Dreier conclui:  
— Se uma pessoa não pode apresentar uma formosa mansão cercada de jardins, prados e bosques, valendo-se de uma longa carta, como espera vender alguma coisa escrevendo cartas daquele estilo?

(Continua no próximo número)

(I) O autor expõe o ponto de vista americano sobre o que deve ser um homem de negócios.



## O MENINO E A BOMBA

Este miúdo brinca despreocupadamente entre munições de guerra. E uma coisa lhe desperta a atenção: a menina: a superfície polida de um dos engenhos reflecte-se perfeitamente no rosto pequenino. Esta foto, misto de alegria infantil e de fórmulas mortíferas, é uma expressão simbólica do espírito do nosso tempo. Involuntariamente o pensamento adulto volta-se para o porvir do garoto. Nos seus ouvidos jamais se percutirá o fragor das bombas sinistras ou virá o dia em que uma nova guerra ameace a existência que deviam viver com Deus.



## A «estrela» e o seu mascote

Eva Faber é uma legenda em dois continentes: da velha Europa e da América vastíssima. Já percorreu dezasseis países e em todos deixou o perfume do seu encanto e um peregrino rasto de simpatia. Patinadora exímia é figura central de uma revista sobre o gelo que tem alcançado em todas as latitudes os êxitos mais sonoros. Mas Eva segundo confessou há dias numa entrevista deve os triunfos que atepatam a sua carreira a um talismã: o seu caniche Daisy que acompanha para onde quer que ela vá. «Passar-lhe a mão pelo pêlo antes de cada espectáculo dá-me sorte, disse aos jornalistas e acrescentou: por nada do mundo seria capaz de trocar o meu «Daisy». Devo-lhe tudo: os milhões que tenho auferido e as palmas do público».



### A NOSSA CAPA

— Francamente, não percebemos! O único representante do «sexo forte» que figura na capa deste número parece seriamente embaçado com o assalto que sofreu. No entanto, não podemos convencê-lo de que tal situação constitua um problema capaz de resistir mais de cinco minutos a uma resolução. Enfim!...

Os casos que nos atormentam (e nós somos os da maioria) são bem outros, mais relacionados com o dia-a-dia do que com as complexidades do amor... Que nos lembremos, nunca fomos disputados por uma morena, uma loira e uma «castanha» (simultaneamente ou em separado).





Recebido como um príncipe no melhor restaurante de Roma, Dino saboreia com voraz apetite um manjar que a sua boca jamais conhecera.

## UMA FADA APARECEU A UM VÊLHINHO!

**E**RA uma vez um velho mendigo que vivia numa pobre choupana, nos arredores de Roma. Dino era o seu nome. Arrastando a existência dos pobres mais pobres, jamais soubera o que era ventura do bem-nascidos. Jamais calor algum aquecera o seu peito enregelado de tantos invernos... Sempre no inverno da vida conversava com Deus para lhe rogar o seu reino.

Mas... uma fada bem-fazeja apareceu na sua gruta de eremita e fê-lo viver a realidade de uma quimera palpável.

Um conto desvanecedor e triste ao mesmo tempo? Sim, talvez um conto de fadas que as imagens nos contam.

Dino deixou-se tocar pela varinha de condão de uma teiticeira do cinema e entrou no mundo fantasista e sensível dos mortais bafejados pela Fortuna.



A realidade do seu sonho materializou-se também num dos mais luxuosos hotéis da Cidade Eterna, que passou num faiscante «espada» conduzido por um «chauffeur» privativo



Já não há belas no bosque! Agora concentram-se na piscina e dão o braço aos mendigos num dia de paraíso



O conto de fadas acabou aqui. Dino apoiado ao bordão que lhe sustenta os anos, volta, saudosos, ao seu tugúrio pobrezinho

## DEFINIÇÕES

**Espinha** — Vingança póstuma do peixe.

**História** — O que cada nação pretende fazer crer sobre o seu passado.

**Médico** — Profissão que luta sem cessar pela destruição da sua razão de ser (Lord Bryce)

**Peão** — Automobilista que encontrou um sítio onde deixar o seu carro.

**Pudor** — Arte subtil de fazer ressaltar encantos.

**Amor** — É o egoísmo duplicado. (Machado de Assis)

**Egoísta** — Homem que só a si se ama e só de si deve temer-se.

**Vida** — Uma sombra que passa. (Eugénio de Castro)



DÊ A LER A SEU FILHO...

## OS GREGOS DIZIAM QUE APOLO DOMINAVA O SOL

**M**AIS do que a você, leitor adulto, este cantinho destina-se a seu filho, que se já estiver identificado com a mitologia clássica terá ensejo de adivinhar os seus conhecimentos; mas se desperdiçará agora para os tesouros de cultura poderá encontrar neste diálogo o moral que conduza ao mundo de poesia e imaginação fantasista que foi a Grécia criadora da arte, da razão e da beleza.

— Qual foi o deus mais poderoso da Velha Grécia?

— Essa honra pertenceu a Zeus, venerado como o deus da chuva e das tempestades, que lançava raios e coriscos no espaço. O arco-íris é o seu sinal especial, mas ele confiou-o ao cuidado da deusa Iris.

— Onde viviam os deuses e as deusas gregas?

— De acordo com os mitos, quase todos os deuses habitavam o Marte Olimpo, na Macedónia, ao norte da Grécia. Diz-se que Zeus vivia ali com Hera, sua esposa, e muitas outras deidades. Comiam ambrosia, um alimento mágico e delicioso que dava vida eterna a todo aquele que o usasse. A sua bebida preferida era o néctar.

— Quem foi Apolo?

— Era filho de Zeus e atribuía-se-lhe o governo do sol. Os artistas figuram-no muitas vezes, atravessando o céu. Apolo exercia também contrólê sobre a poesia e a canção. Os escultores apresentam-no como um homem muito gentil e ainda hoje se diz «belo como Apolo».

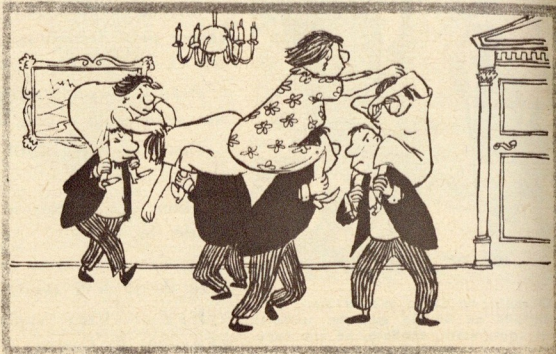
— Qual era a divindade mais poderosa, a seguir a Zeus?

— Um dos seus irmãos, Poséidon. Em lugar de residir no Olimpo com os outros deuses, Poséidon habitava no meio das águas do mar ou na sua superfície e só muito ocasionalmente vinha a terra, pois Zeus não queria que ele abandonasse os seus domínios.

Séculos mais tarde, os romanos trocaram o nome de Poséidon pelo de Neptuno. Os artistas antigos costumavam pintar delfins conduzindo este deus sobre as salsas ondas.



Apolo



### O BOM TOM EM SOCIEDADE

Há círculos de Sociedade, em que as diversões não correspondem à dignidade exterior da casa. Mantenha-se afastado, mesmo que tenha de sofrer prejuízos económicos.

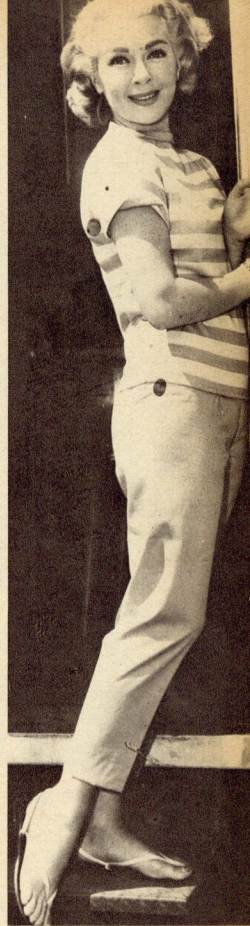
## O ESTRANHO CASO DO TRIBUNAL DE VIENA

**N**O número anterior contámos com pormenor o estranho caso do fato de banho, julgado num tribunal de Viena Áustria, em virtude de a cliente se haver recusado a pagar à modista. Podemos hoje acrescentar que a queixosa, não satisfeita com a decisão conciliatória do juiz, recorreu para segunda instância. A sala de audiências voltou a encher-se e de novo foi evacuada por ordem dos jurados. Fräulein Ingeborg, a arguida voltou a exhibir o «móbil» do crime perante o júri,



e este menos contemporizador que o da primeira instância, considerou o fato de banho pouco atraente e lavrou sentença absolutória.

A propósito, lembramos-nos de uma recente portaria destinada a coibir certos abusos de exhibições de plásticas nas praias portuguesas. Adeptos irreduzíveis da morigeração de costumes, permitimos-nos aplaudir sem reservas referido diploma, emanado de quem zela pela sanidade moral do nosso povo.



Lana Turner, fascinante mulher do cinema, reduzida à graciosa simplicidade de uma vulgar cidadã

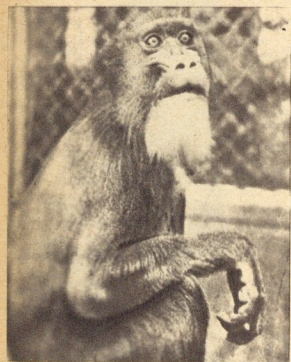




«Monsieur» acaba de comparecer. A esposa, que tem frio, ficou nos seus aposentos e faz-se rogada.



Harmonia familiar.



Conspicuo, responde ao jornalista.

UM frio cortante, polar. O jornalista, em busca duma entrevista sensacional tem uma ideia luminosa: entrevistar os «ascendentes do homem» no critério do grande Darwin. A heróica proeza de tomar um eléctrico, o espectáculo maravilhoso do «Zoo» de Lisboa, a alegria dos ursos, a tromba do elefante, a caturrice dos camelos, mas, antes, a cara estupefacta do porteiro do campo de concentração dos bichos quando lhe disse que ia entrevistar o mais ilustre casal de símios que resi-

## O frio e os chimpanzés

# OS DISTINTOS HÓSPEDES

## DO JARDIM ZOLÓGICO DE LISBOA

entrevistados por JOÃO BARRETO

dem actualmente em Lisboa — os chimpanzés — a fim de saber a sua opinião sobre o frio destes dias.

Dirigi-me imediatamente ao pavilhão onde se encontra o simpático e distinto casal. Apareceu-me o criado, um semelhante meu. Este, enregelado, nariz a pingar, ficou admirado de ver, num dia tão frio, uma visita no Jardim Zoológico.

— V. Ex.<sup>a</sup> vem cá passear hoje, com este tempo tão frio e sem ninguém?

— Venho em serviço.

O bom do homem não percebia.

— Sim senhor. Venho entrevistar os chimpanzés. Queira introduzir-me junto deles. Desejo saber a opinião deste casal «distinto» acerca do frio polar que veio cá passar o inverno.

Olhos ainda mais esbugalhados do criado.

— Mas, como, V. Ex.<sup>a</sup>...

— Perfeitamente. Não tenha medo. Eu tenho o meu sistema. Conheço o idioma dos chimpanzés.

— O senhor está a brincar, com certeza.

Mas, em face do meu oliar car-rancudo e da minha absoluta seriedade reconsiderou. Fez-se humilde.

— V. Ex.<sup>a</sup> conhece, então, a língua deles?

E, com ar embasbacado, o pobre do homem levou-nos até junto dos nossos entrevistados. A atmosfera do pavilhão era razoavelmente tépida, mas S. Ex.<sup>a</sup>, por trás das grades, estavam circunspectos. Faziam-se rogados. Consegui, todavia — velha artimanha de repórter —, que eles me atendessem, mandando-lhe o meu cartão de visita, acompanhado duma banana. Os simpáticos símios, despertaram então. Tomaram conhecimento da finalidade da minha visita e deram alguns pulos de alegria ao aperceberem-se de que eu era exímio em idioma «macaca-lá». Estenderam-me a mão e disseram:

— Temos pena de que V. Ex.<sup>a</sup> não



Tôto, calçado e enluvado, coco na testa, cigarro (...de chocolate) nos beicos, é muito invejado pela sua peliça de bom corte, executado por um mestre alfaiate de Londres, Grande felizardo, sim senhor!



Despedida. Um aperto de manápula bem do coração. Dona Macaca fica triste ao lado do esposo, enquanto o pimpolho dá um grande pulo. Viu o fotógrafo disparar e pensou agarrar o passarinho. Criança?! Não viu que ficava com a cabeça fora do corpo.

nos veja noutras circunstâncias, ou, então, na selva que nos viu nascer e constitui o nosso «habitat». Aqui passamos a vida que passam todos os internados em campos de concentração. Por mais consideração com que nos tratem, por melhores que sejam os criados, nunca é como em nossa casa.

Aprovei, bem entendido. E retorqui:

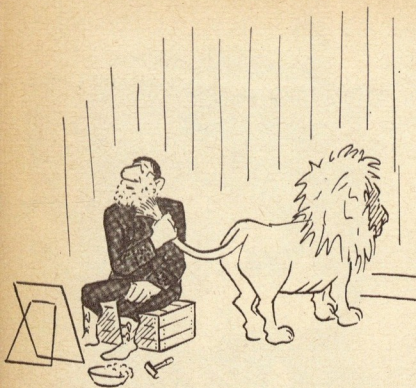
— O motivo essencial que me trouxe junto de V. Ex.<sup>a</sup>, foi o frio. Que pensam dele?

Um olhar expressivo dos meus interlocutores, umas mãos que apertam a cabeça, e a resposta:

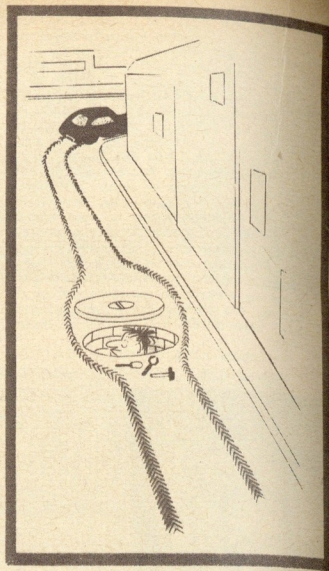
— Este tempo é, para nós, horrível. A falta de movimento, de convívio. — No inverno temos poucas visitas —, quem nos dera a ser como os nossos colegas que andam em «tour-nées» pelos circos e teatros (Miss Dolly, Tôto, Chita), que têm bolas, patins e trapézios para desentorpecer os membros e desenvolver os músculos — esses, sim, são uns felizardos. Nós, tantas saudades temos da selva. Temos muita pena de havermos sido trazidos para cá. Na nossa

(Continua na página 22)





## Sorrisos a lápis



## NA CONTRA CAPA:

### OS SEGREDOS DE MARINA E DE ROBERTO

Marina Vlady e Robert Hossein «interpretaram» desta vez um papel em conjunto: o de uma mãe e um pai, conhecidos perante a sua «produção», Igor, já com três meses, bebé engraçado e cheio de sono. Nasceu às 2 horas da manhã do dia 4 de Outubro passado, tem os olhos azuis e pesava 4,190 kgs, quando nasceu. É amamentado por Marina, a mãe. A avó e uma aia ocupam-se dele; é o quinto neto da senhora Poliakoff. Esperavam uma filha; e todos ficaram encantados ao «aparecer-lhes um menino. Dorme num berço que passa de um membro para outro da família, sempre que há a festejar o nascimento de um bebé. Marina **tricotou** o enxoval do filho, que só recebeu uma prenda: um urso com um metro de altura, oferta da família.

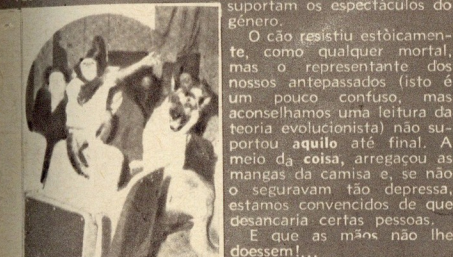
Os Hossein habitam em Maison-Lafitte, numa casa que pertence à família Vlady.

Hossein tem um projecto de filme em Itália e alimenta um sonho secreto: possuir uma companhia e um teatro, para não ter que fazer senão um filme de tempos a tempos.

Em Fevereiro, Marina Vlady interpretará o principal personagem de uma peça escrita por seu marido.

### O CHIMPANZÉ DELIROU COM O ESPECTÁCULO!

Passou-se a cena num espectáculo de publicidade, animado por alguns dos melhores artistas da nossa Rádio (como diria qualquer locutor, mais ou menos conceituado na praça de Lisboa). Não se sabe como nem porque, um chimpanzé e um cãozinho foram admitidos na plateia. Suspeita-se que se tratava de prova de resistência, para verificar



se o cão resistiu estóicamente, como qualquer mortal, mas o representante dos nossos antepassados (isto é um pouco confuso, mas aconselhamos uma leitura da teoria evolucionista) não suportou aquilo até final. A meio da coisa, arregaçou as mangas da camisa e, se não o seguravam tão depressa, estamos convencidos de que desancaria certas pessoas. É que as mãos não lhe doessem!...



### JOSEFINA BAKER BENEMÉRITA

Josefina Baker realizou o seu sonho! Abandonou a actividade artística e com a ajuda do marido, o maestro Yo de Bollillon recolhe no seu «castelo» de Milandes, em França, crianças das mais diversas raças para quais o destino fora cruel. A iniciativa tem sido acompanhada pelo grande público e chamou especialmente a atenção dos pedagogos, pois esta «pequena liga de povos» relaciona-se com a solução de importantes problemas de educação infantil. O número de órfãos protegidos pela simpática «estrela» atinge já oito rapazinhos, aos quais se juntará brevemente um órfão húngaro. Aqui os vemos, com os seus papás adoptivos: Akio, da Coreia; Teruya, do Japão; Moisés, de Israel; Mariana, de África; e Luiz, de Colombo, além de um francês e de uma chinesinha.



# O SEGUNDO ROBINSON CROSUÉ

(Conclusão dos números anteriores)

(Relatados os episódios curiosos que emaltam a vida aventurosa de Luis Rougemont, a sua história tem um desfecho imprevisto. Antes, porém, que o leitor se debruce sobre os capítulos finais, lembremos-lhe que Rougemont, depois de naufragar nos bancos de coral, tomou contacto com selvagens australianos que o consideraram um Deus Branco e o convidaram a presidir a uma festa no decurso da qual presenciou ritos incríveis. Casou-se com uma indígena e, um dia, foi escolhido para chefe da tribo. Mas uma série de circunstâncias tornaram, cada vez maior o seu desejo de regressar à pátria. Até que uma tarde encontrou seis brancos sentados em redor de uma fogueira).

De acampamento em acampamento, Rougemont chegou sem novidade a Melbourne. Aos olhos de todos não era senão um maniaco inofensivo. Arranjou passagem num barco que se dirigia a Inglaterra, onde desembarcou em 1898.

O chefe canibal branco voltava por fim ao seu redil!

Em Julho, o mensário «Wide World» começou a publicar as extraordinárias aventuras de Luis de Rougemont. Dias depois, jornais de todo o mundo adquiriam os direitos de publicação para os seus respectivos países. O autor transformou-se numa celebridade disputada pelos salões londrinos. Toda a gente o reconhecia nas ruas, e por mais de uma vez a Polícia teve de protegê-lo do entusiasmo da multidão, como se se tratasse de um «astro» cinematográfico dos nossos dias. Em suma: a glória!

De súbito, surgiu o drama. O «Daily Telegraph» de Sydney reproduziu uma fotografia chegada à Austrália. Na manhã seguinte, uma mulher de certa idade entrou no gabinete do director, brandindo um exemplar do jornal.

— Que história é esta? Este indivíduo não se chama Louis de Rougemont mas Henri-Louis Grin.

— Como sabe?

— É meu marido!

E contou a história



O fantástico relato do falso Louis de Rougemont era invenção, de cabo a rabo. Outras pessoas apareceram a confirmar que o sujeito era, sem dúvida alguma, Henri-Louis Grin. Longe de ter sido chefe canibal, Grin fora, na realidade, mestre-sala de uma rica família australiana. Mais tarde, na qualidade de cozinheiro fizera parte da tripulação de um barco que partira para a pesca de pérolas. Sem descurar as suas marmitas escutava com vivo interesse as aventuras que lhe contavam os companheiros. No regresso desembarcou em Sydney

onde acabou por conseguir um lugar de criado num restaurante modesto, facilmente conquistou, porém, as simpatias dos clientes que lhe contavam histórias extraordinárias as quais ele escutava com verdadeiro enlevo. Entre os frequentadores do restaurante havia um explorador autêntico, Harry Stockdale, que descobriu na pessoa de Henri Grin um ouvinte entusiasmado.

Harry chegou a emprestar ao criado os seus diários e documentos de viagem. Henri copiou-os ou aprendeu-os de memória.

Passaram anos, e Rougemont, que se desempregara, continuava a vegetar. Abandonara a família e passou entregar-se a libações alcoólicas. A caminho dos sessenta anos sente que o futuro se lhe apresenta sombrio. Mas quando o acometia a inquietude ao pensar no que lhe reservaria a velhice, acudiu-lhe uma ideia salvadora: refugiar-se num mundo imaginário onde ele seria o protagonista de aventuras maravilhosas. Baseando-se em elementos fornecidos por Harry Stockdale, construiu a sua própria epopeia.

Em 1898 conseguiu juntar o dinheiro suficiente para comprar uma passagem num barco que regressava a Inglaterra.

Em Londres, como vimos no começo deste artigo, encontrou uma revista que aceitou publicar a sua história — uma história que para milhões de leitores foi uma Bíblia.

Mas ao ser desmascarado, Henri teve de fugir à ira do público, procurando asilo na Suíça. Deste país passou ao Oriente. No entanto, jamais capitulou: viajantes ingleses que regressavam da Índia ficavam estupefactos ao ver que a cidade de Natani na ilha de Sumatra, transbordava de cartazes anunciadores de que se podia aplaudir — no «music-hall» local — Henri Grin que se proclamava a si próprio «O maior embusteiro do mundo».



A PRINCESA DESCALÇA

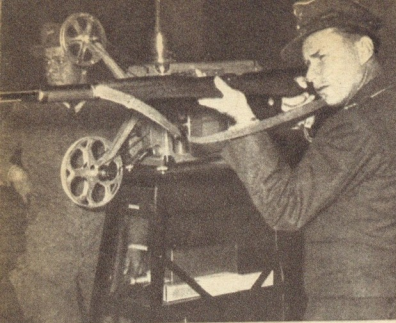
Maria Pia e o marido, o príncipe Alexandre da Jugoslávia, o egrégio casal de tão grata recordação à hospitalidade lusitana passaram as férias em Veneza. A estada em Itália dos membros varões da antiga casa real não é autorizada, pois o actual regime daquele país recel o recrudescimento das actividades pró-monárquicas. Em contrapartida, as filhas de Humberto são sempre bem acolhidas na antiga pátria. O instantâneo mostra o à-vontade desprotocolar com que os dois príncipes saem do hotel para a praia.

AS ALEMAS IAM COMQUISTANDO A AMÉRICA — As beladões germânicas estão em moda. Depois do triunfo alcançado por uma formosa alemazinha num certame realizado em Londres para eleger a mais bela (ao qual nos reportámos no segundo número), elas voltam agora a causar furor no grande pleito anual de Long Beach. Aqui temos Marina Orchel, dezannove primaveras em flor que, de Berlim (occidental, claro está) se deslocou à América para «discutir» plástica com as garotas mais louças do vasto orbe.

Não ganhou. Auferiu um segundo lugar honorífico mas passeia o seu triunfo escaldado por um marinheiro, o que aliás, vem a propósito. A Vénus nasceu das ondas (o motivo dela) e o bom do rapaz, saudoso de céu e mar, quis, pelo menos ter água na boca... Também nós, se estivessemos no lugar do aragonata valente não nos eximíamos à cansativa jornada. Pelo menos iamo-nos refrescando com o perfume das rosas que atapetam o carro ao mesmo tempo que poderíamos ir inspirando doces eflúvios de primavera...

F I M





## Chimpanzés

(Continuação da página 17)

terra, a escola era risonha e franca. Aqui não estudamos nem trabalhamos. A inacção, torna-nos macambúzios, e com este inverno, então, a nossa saúde periga. Sabemos que somos objecto de muitos cuidados, mas, cá entre nós, não temos grande confiança nas injeções e pastilhas que os vossos catedráticos nos querem ministrar, para evitar as gripes e mais coisas que fazem espirrar.

Além disso, temos saudades dos nossos amiguinhos de quem somos um pouco avós, que em dias de Sol nos vêm alegrar o nosso cativoiro, e dar-nos fartas bananas e amendoins. Pena é que alguns sejam mal educados e nos dêem pedrinhas embrulhadas em papel de prata, ou cigarros que nos fazem tanto mal. Ah! Se soubesse como é lá na selva educamos os nossos filhos...

— Como, então...

— Sim, os nossos filhos são uns mimos, fazem ginástica desde pequeninos, seguem um regime dietético, absolutamente natural, desenvolvem-se muito depressa e, sem falso orgulho, podemos dizer que eles são ao mesmo tempo corajosos, obedientes, inteligentes e espertos, muito espertos.

— Sim, bem entendido, esperteza de macaco.

O casal fingiu não ter ouvido e «master» teve um encolher de ombros. O tempo passava. Os meus interlocutores tiravam. Pobres amigos! Tiraram-se uns retratos, prometi que lhes mandaria um saboroso almoço de frutos e procuraria interessar a colectividade, para que eles pudessem passar melhor o tempo, durante esta quadra de rigores.

## O NOVO EXÉRCITO ALEMÃO TREINA-SE A VER CINEMA

Os voluntários do novo exército alemão treinam-se segundo os métodos mais modernos conseguidos pela ciência militar. As duas imagens dão nota das inovações introduzidas nos exercícios de actual «Wehrmacht» germânica. Pela primeira vez no mundo as carreiras de tiro foram equipadas com máquinas cinematográficas. O «écran» é colocado a uma distância de 150 metros e sempre que é atingido, um dispositivo automático interrompe o curso do filme para registar a pontuação do atirador. Depois a projecção prossegue até ele alcançar relativo aperfeiçoamento. Um sistema engenhoso (a tela é dupla e as duas partes deslizam uma sobre a outra) faz com que não se notem as perfurações produzidas pelas balas. Este novo processo de treinamento adoptado também de formas mais ou menos semelhantes pela polícia de Bona merece a aprovação do Estado Maior germânico e — anunciam as agências — está a provar excelentemente.

E fiz-lhe a última pergunta:

— Qual seria a vossa aspiração máxima no domínio artístico?

— Fazer cinema, com Tarzan, bem entendido, na nossa selva natal. Livres, ao Sol...

E apertei uma mão possante, peluda por cima, mas muito cor de rosa por dentro, de pouco mais ou menos uns vinte centímetros de comprimento. E quando saí vi que Madame Chimpanzé (fraquezas femininas) chorava...

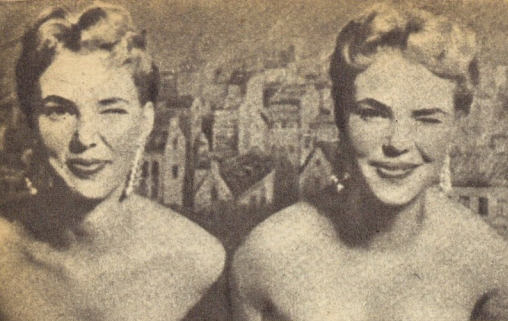
(Rigorosíssimo exclusivo de CRÔNICA MASCULINA)

## A BELA "NOIVA" Bardot

Brigitte Bardot vai confirmar na sua mais recente criação cinematográfica o que milhões de cinéfilos espalhados pelo vasto mundo pensavam acerca dela, se acaso o fatalismo os unisse ao seu coração. O filme que rescende o perfume do sedutor espírito parisiense tem exactamente esse título: «A noiva é bela de mais». E no decurso da acção Brigitte Bardot, mais insinuante do que nunca, exerce de todos os modos possíveis o sortilégio do feminismo e do seu inseparável aliado chamado indumentária. Por fim consegue enamorar o homem dos seus sonhos (*os homens não conquistam as mulheres; deixam-se conquistar por elas*) para o qual (que pena!) não é bela de mais.

Tudo fita, claro, pois como os leitores sabem, Bardot é madame qualquer coisa.





## AS MANAS CROFT amam depois do meio dia

O velho teatro de revista «Lido», de Paris, ufana-se de uma tradição: revelar talentos plásticos e artísticos para a sétima arte. Muitos dos nomes consagrados da cinematografia mundial pisaram o palco do velho e popular salão de espectáculos da Cidade-Luz, antes da indústria do celuloide lhe ter aberto os umbrais da fama. Essa tradição oferece-se tanto mais singular e curiosa quanto é certo que o «Lido» tem promovido ao estrelado algumas parelhas gradas dos nossos cinéfilos. Podemos citar por exemplo as irmãs Lessler, de origem alemã, e agora as gémeas inglesas Lesle e Valeria Croft às quais Hollywood com o poder aliciante dos seus milhões acenou sedutoramente. Aqui as vemos piscando gaitamente o olho aos nossos leitores, e é possível que as tornemos a ver muito em breve, imaterializadas em luz e sombra, ao lado de Gary Cooper num filme americano ainda sem título português, mas que na origem se chama: «Amor depois do meu dia».

## O MARIDO IDEAL...

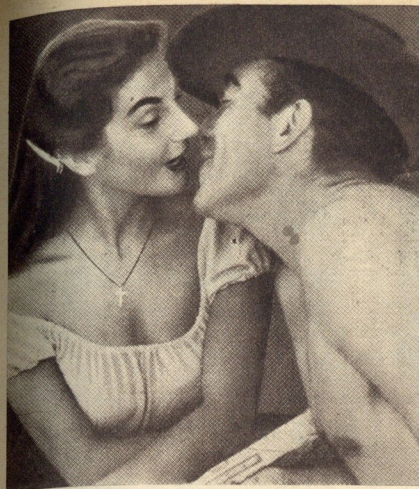
### SEGUNDO AS MULHERES

Um curioso inquérito promovido entre o elemento feminino pelo Women Institut of Potters Bar, a fim de averiguar quais as qualidades indispensáveis que um homem deve reunir para o casamento, apurou que essas qualidades são as seguintes:

Primeiro, que o homem seja culto como um francês; segunda, que seja rico como um norte-americano; terceira, que seja humano como um inglês; quarta, que seja apaixonado como um espanhol; quinta, que seja forte como um grego; sexto, que seja diplomata como um suíço.

(Agora, que Diógenes o procure com a sua lanterna).

N. da R. — Não haverá no portuguêsinho, «que deu novos mundos ao mundo» nenhuma virtude que o assinale entre os varões semelhantes?



## FORÇA DE HÁBITO?

Lita Milan e Anthony Quinn principais intérpretes de uma nova película do «Far-West» excedem as manifestações de ternura em relação ao que lhes é exigido: até nos intervalos das filmagens dão a impressão de estarem apaixonados.

**EXPLICAÇÃO SÉCULO XX** — Aprendendo a ler num livro ilustrado, a pequena Laura, de quatro anos, aponta com o dedinho a fotografia de um rádio que vem na cartilha como exemplo da letra «R», e pergunta à mestra:

- Que é isto, minha senhora?
- Um rádio — responde a professora.
- E que é um rádio?

Depois de procurar explicar de várias maneiras e notar que nem a Laurinha nem as suas companheiras conseguiam entendê-la, a D. Helena acabou por dizer:

— Olhem: um aparelho de rádio é como um aparelho de televisão em que se não vêem as imagens. E todas a entenderam!



## NO MUSEU DE ARTE MODERNA EM NOVA IORQUE

O «homenzinho» junto do tabuleiro perfurado «pinta» com cordéis. Este Museu, o mais representativo no seu género em todo o Mundo está a realizar «certames semanais» para crianças. Nalgumas salas, decoradas com pinturas, móveis, e esculturas modernas, crianças dos 4 aos 8 anos estão confiadas aos cuidados duma vigilante. Os miúdos podem desenhar e pintar ou dar livre curso ao seu talento de pintores no tabuleiro perfurado.

Uma das vigilantes comenta sorridente: «é uma sorte existir a arte moderna. Os mestres antigos não seriam tão fáceis de copiar».





A jovem e bela actriz do cinema inglês, Adrienne Corri, meteu-se num «sariho». Com pouca queda para o volante, Miss Corri gosta de correr vertiginosamente pelas ruas de Londres. O director do estúdio onde trabalha, proibiu-a de guiar, mas Adrienne fez orelhas moças e continuou a dar largas à sua aficção automobilística. O pior, foi há dias, quando o seu carro chocou com uma «limousine» em que viajava o primeiro ministro, Sir Anthony Eden. Resultado: o seu nome volta a aparecer nos jornais, depois do seu crepúsculo como estrela de cinema.



## Cada terra com seu uso...

O futebol obriga os seus adeptos a mil e uma loucuras. Se é verdade que, nas Ilhas Britânicas, os «tifosos» vão para os campos vestidos com as cores dos clubes pelos quais torcem; se, na Itália, é costume assistir-se ao desfile — e despique — de numerosos dísticos exortando as tradições das respectivas colectividades, em França, a mania dos «doentes» é mais original. Como vêm, na gravura que publicamos, é hábito assistir-se, quando dos jogos internacionais, à exibição de galos, não de fantasia, mas autênticos. Como sabem, o galo é o símbolo da França!

Aqui, pelos vistos, o galo e o seu dono mostram-se satisfeitos e orgulhosos. O pior é se um dia algum humorista se lembra de levar uma galinha!...

## O homem mais pequeno do mundo TEM RAZÕES DE QUEIXA...

Já o conheciam? Aqui o têm! Chama-se Henry Behrens, mede, calçado, uns escassos 75 centímetros e contraiu matrimónio com uma similar do reino de Liliput, a senhora Emmie, que o excede apenas 15 centímetros na craveira.

Pois este anão assinalado tem razões de queixa. Está envolvido num dos mais estranhos processos que a história da jurisprudência regista.

O caso é este: Mr. Behrens e a esposa trabalhavam num circo inglês, um desses circos que percorrem o vasto mundo, peregrinando de terra em terra. Há poucas semanas, quando procediam à montagem da estrutura metálica do coliseu ambulante, um paquiderme, ao recuar assustado com o desabamento de uma viga de ferro posou a tonelagem de uma das patas na roulette que servia de habitação ao casal Behrens e reduziu-a fanicos. O dono legítimo, que ficou sem lar processou o elefante iconoclasta e uma acção por perdas e danos corre seus trâmites no tribunal da cidade onde se deu a catástrofe.

O acontecimento trouxe o desassossego ao espirito de Henry, preocupado já com outra querela: a luta incruenta que vem travando com outro anãozinho, o italiano Pietro Volontieri, pela supremacia na pequenez. Volontieri reivindica para si o título mundial e aduz publicamente que é mais baixo 2 centímetros que o seu émulo, o nosso Henry, por ter as pernas arqueadas. Aqui deixamos o nosso depoimento, mas sem *parti pris* por nenhum.





# DEZ NAÇÕES no assalto da Antártida

PARIS — nunca empresa científica alguma terá conhecido tão gigantesca coordenação de esforços. De julho de 1957 a Dezembro de 1958, quarenta e cinco nações vão aplicar somas fabulosas na realização de uma verdadeira radiografia da atmosfera. Distribuídos por oitocentos observatórios e estações que rodeiam a terra, milhares de cientistas vão proceder a investigações sobre os raios cósmicos e a ionosfera onde nascem as misteriosas auroras boreais. No curso deste período de dezoito meses, baptizado com o nome de Ano Geofísico Internacional, os homens de ciência, esforçar-se-ão também por desvendrar o grande enigma da Antártida, o único continente desconhecido que vem nos mapas.

O mês de Dezembro no Polo Sul, é pleno verão, com uma temperatura que não desce a mais de dois graus abaixo de zero.

As investigações científicas polares vão ser incluídas num vasto programa a realizar por nove estações magnéticas, onze estações meteorológicas, três observatórios de longitudes, quatro postos de observação da actividade solar e dez estações de sondagens ionosféricas. Tudo isto foi mobi-

lizado só em França para o Ano Geofísico.

Os Estados Unidos enviarão a mais de mil quilómetros de altura vários satélites que equipados de aparelhos registadores, transmitirão pela rádio todas as informações recolhidas na alta atmosfera. Na Antártida, câmaras automáticas com grande angular, vão fotografar o céu todas as noites; em cada período de cinco minutos.



Outro grupo de investigadores ocupar-se-á principalmente da meteorologia, dedicando especial atenção aos ventos que circulam entre 100 e 400 quilómetros de altura e cuja influência sobre o tempo persiste nas trevas do mistério.

O chefe da expedição neozelandesa, Sir Edmund Hillary, o vencedor do Everest, propõe-se realizar em 1957 audacioso «raid». Par-

tindo do mar de Wodell, tenciona alcançar o mar de Ross, passando pelo Polo Sul. Se é facto que o mesmo Polo Sul foi atingido em 15 de Dezembro de 1911 pelo norueguês Amundsen e cinco semanas depois pelo inglês Scott, que secumbiu no regresso, a travessia do continente antártico nunca foi praticada.

Os técnicos de todos os países têm cometido prodígios para equipar capazmente os membros das suas expedições. Os americanos com os seus nove quilos de roupa parecem mergulhadores das profundezas abissais do mar, os soviéticos dispõem de 38 peças de agasalho para os preservar do frio polar. Os ingleses preconizaram inclusivamente indumentárias de matérias plásticas para protegerem os cães que hão de puxar os trenós sobre o gelo.

Que resultados podemos esperar de tudo isto? Em primeiro lugar uma síntese sobre a geografia da planura glacial e do solo rochoso da Antártica. E depois uma explicação dos fenómenos físicos da alta atmosfera, isto é a influência do sol sobre o tempo, e realizar importantes progressos no campo das telecomunicações.

Viver para ver!

## SOLDADOS DE SAIAS nos quartéis da Síria



JÁ não é apenas em Israel que o sexo belo... frágil tem representação activa nas forças armadas do seu país. A Síria deliberou seguir o exemplo da nação judaica, e o seu pequeno exército, até há pouco constituído por 25.000 homens, recebeu substancial reforço conseguido não só pela chamada às fileiras de mais classes de varões como também pelas incorporações de mulheres. As imagens de cima é um documento bem expressivo: Nas paradas dos quartéis sírios, soldados de saias estão a ser submetidos a intenso treinamento e recebem já instruções sobre o manejo das armas modernas recentemente adquiridas pelo seu governo. Bem mais curioso embora, quanto a nós, menos formativa é o flagrante que damos em baixo: em quanto as mães assistem a uma lição teórica sobre táctica militar, as filhas guardam as armas.







TRR... IN... IN!... Industriadas pelas suas instrutoras, duas jovens persas debruçam-se sobre o mare magnum de fios de tomada que tem de lobrigar numa fracção do segundo. O problema mais intrigado para elas reside, porém, no idioma alemão em que são notadas todas as regras sobre serviço. As declinações são um escolho: não obstante as telefonistas do país do Xá não declinam a profissão que vieram aprender ao país dos chanceleres.

## A PÉRSIA COMPROU 180.000 TELEFONES À ALEMANHA

A Alemanha forneceu à Pérsia 180.000 telefones e a aparelhagem necessária para equipar as centrais competentes. Vinte e cinco jovens recrutadas entre as mais hábeis e inteligentes alunas de uma instituição moderníssima de ensino, recentemente fundado pelo Xá e pela imperatriz Soraya, deslocaram-se a Bona para um estágio a realizar junto do correio germânico e ficarem aptas a exercer a profissão no seu país.

Apesar da educação europeia recebida no moderníssimo instituto de Teraão, uma espécie de universidade onde a juventude iraquiana toma contacto com a cultura ocidental, as graças morenas da legendária Persa ignoravam muitas coisas da nova Alemanha. As suas instrutoras acamaradam com elas e nas horas de lazer procuram mostrar-lhe todas as manifestações da vida actual do povo germânico. Em contrapartida, as iraquianas ensinam as suas colegas de Bona exercícios de ginástica acrobática, em que se revelam exímias.

## O REI DOS CIGANOS SAUDA INGRID

Chegado recentemente a Paris, Toki Horvath, cognominado «O Rei dos Tziganes» escolheu um muito original de apresentar as Boas-Festas a Ingrid Bergman. No dia 1, de manhãzinha, diante do quarto do hotel em que habita a célebre vedeta, ofereceu-lhe uma alvorada, tocando árias tziganes.

Ingrid Bergman e o filhinho no balcão do hotel ouvem com alegria os acordes tocados por Tok Horvath que se fez acompanhar por dois dos seus músicos.



## O ÚNICO PEIXE INVISÍVEL DO MUNDO!

É já lugar comum apregoar a força da publicidade, reconhecendo aos americanos a primazia dos grandes processos. Este é um dos aspectos mais vulgarizados nas mais populosas cidades: uma parada publicitária que atrai fatalmente a atenção, pela grandiosidade que a caracteriza. São escolhidos temas mais coloridos, os assuntos capazes de alcançar maior projecção. Aqui vemos um gigantesco Rato Mickey, atravessando uma das zonas mais populosas de New York. É curioso notar que, nessa mesma rua, se apresenta, pelo moderno processo do Cineramas um espectáculo com «As Sete Maravilhosas do Mundo».

São curiosos os processos usados na alta publicidade. Recordamos um deles: num restaurante pouco frequentado, alguém teve a ideia de colocar um aquário e um letreiro: «O único peixe invisível de todo o mundo. Fauna brasileira». Foram centenas e centenas as pessoas que se detiveram a olhar para a água do aquário. E não faltou quem chegasse a ver o tal peixe invisível. Depois, sem razão plausível, entravam e comiam no restaurante — que era, afinal, o que pretendiam.





# A BELA E OS ELEFANTES



o o circo; sofreria imenso se tivesse de abandonar um ou outro.

1 — Chama-se Joan Kruse, tem vinte e seis anos de idade e é casada com o sueco Gosta Kruse, domesticador de elefantes. Aqui a vemos, com a sua filhinha Yvonne, nascida no ambiente febril de um grande circo, acariciando a tromba de um elefante, que parece deliciado. E a bela Joan divide o seu tempo entre os deveres do lar



2 — O número mais excitante do trabalho da gentil Joan requer técnica e sangue-frio excepcional: um salto mortal de costas, do dorso de um elefante para outro. Joan, para não irritar os formidáveis animais, necessita de estar continuamente em contacto com eles, oferecendo-lhe torrões de açúcar e habituando-os ao timbre da sua voz.



# Neste número

AS ALEMÃS IAM CONQUISTANDO  
A AMÉRICA !

O CHIMPANZÉ DELIROU  
COM O ESPECTÁCULO



N. 7

Preço 1\$50

OS SEGREDOS DE MARINA  
E DE ROBERT

Fotogravura Nacional, Lda.